

DO LOCAL AO GLOBAL: encurtando as distâncias entre pesquisadores- reflexões sobre uma experiência de pesquisa em rede

Elisa Maças*
Manoella Senna**

RESUMO

Este trabalho apresenta, relata e reflete sobre a experiência virtual vivenciada por pesquisadores de 6 países, Brasil, Moçambique, Cuba, Espanha, Portugal e Cabo Verde, no desenvolvimento de uma pesquisa que se propõe a ouvir formadores de formadores das universidades da qual fazem parte, num total de, aproximadamente, 800 professores. Por meio de reuniões via Internet, utilizando o programa de interação e comunicação denominado *Skype* e a ferramenta correio eletrônico o grupo se reúne quinzenalmente e se comunica sempre que necessário por e-mail para esclarecer dúvidas, discutir assuntos do conteúdo proposto e dar avisos gerais. Trata-se de uma experiência que quebra as barreiras referentes às distâncias geográficas e culturais, fazendo valer as experiências locais, com vistas a entender o panorama global da formação de professores e, da formação de formadores. O relato apresenta os principais destaques e aspectos dificultadores da experiência, do processo de comunicação e relacionamento à distância que se concentram em questões de familiaridade com o equipamento, de autogestão para participação na atividade, da dinâmica do processo e, também aquelas referentes às diversas culturas presentes, tendo em vista a origem dos participantes do grupo de pesquisa. Além disso, este trabalho sinaliza a importância do repensar culturas, políticas e práticas coerentes e adequadas às demandas e perfis pessoais e profissionais de nossos dias, no tocante à vivência de processos de comunicação e interação em rede, a partir de princípios que norteiam essa dinâmica.

Palavras-chave: Local. Global.Virtual.Pesquisa.

INTRODUÇÃO

Há 1 (um) ano estamos desenvolvendo uma pesquisa de nível internacional, em que 6 países estão reunidos para ouvir as vozes dos formadores de formadores. Trata-se de um diálogo entre pesquisadores da Espanha, de Portugal, de Cuba, de Cabo Verde, de Moçambique e do Brasil para investigar o panorama dos processos de inclusão/exclusão nas universidades participantes desta pesquisa, no tocante à *construção de culturas*, ao *desenvolvimento de políticas* e à *orquestração de práticas*, de inclusão e/ou exclusão, tendo como foco e objeto central de análise o que dizem, o que sentem, o que pensam, os professores das mesmas. Assim, uma das vertentes de nossos estudos é identificar, descrever e analisar até que ponto essas culturas, essas políticas e essas práticas promovem a inclusão e/ou exclusão dos próprios formadores no cotidiano de sua profissão,

* UFRJ. Prof^a doutoranda.

** UFRJ. Graduanda.

verificando se, de alguma forma esses aspectos também interferem nos processos de inclusão em educação, são responsáveis pela síndrome de *burnout*, assim como pelo distanciamento, de muitos professores, do que está posto na sociedade deste novo século. A princípio estima-se que, aproximadamente, 800 formadores, espalhados pelos países citados anteriormente, respondam a um questionário que foi elaborado para esta finalidade.

Cinco das 6 (seis) equipes dos países que fazem parte desta pesquisa aplicaram o citado questionário a professores de suas universidades, num quantitativo total de 15 (quinze) aplicações, com a finalidade de validar o instrumento de pesquisa. A partir daí, algumas questões foram reescritas, uma vez negociada a forma desejada. Esse processo desenvolveu-se de março a dezembro de 2010. Neste ponto, o que é mais importante e interessante dizer aqui neste documento é que, grande parte deste trabalho, que já vem sendo desenvolvido num espaço de 10 meses, está sendo feita, literalmente a distância. Digo, à distância, via *Internet*¹, em ambiente virtual, utilizando-se para isto o programa *Skype*² para as discussões de toda a equipe, o correio eletrônico como ferramenta para apoiar o processo, no intervalo das reuniões, que se realizam quinzenalmente, sob a nossa coordenação. Entendemos que assim como nós, aqui no Brasil, cada equipe se reúna presencialmente para tratar das questões locais que precisarão ser discutidas com toda a equipe, no ambiente virtual.

Para Quadros,

[...] a virtualidade substitui claramente o espaço fixo e imutável do ensino tradicional para dar corpo ao signo mutante dos espaços de fluxos e refluxos que se desencadeiam nas tecnologias digitais e que modificam toda a nossa concepção do que é educação, conhecimento e coletividade (2005, p.30).

A ideia de fluxos está relacionada diretamente à lógica das redes caracterizada pelo relacionamento horizontal entre as pessoas, pela fluidez da comunicação, pela mudança da compreensão do que é tempo e do que é espaço, resgatando e imprimindo assim a necessidade do relacionamento mais próximo e constante entre as pessoas, mais freqüente, mais informal.

A PRÁTICA DA PESQUISA, VIVENCIADA EM REDE

Trata-se, portanto, de uma atividade que tem se desenvolvido em rede, no caso aqui apresentado e segundo Silva (2007), uma rede temática, cujo o é uma investigação conjunta entre

¹ Rede de computadores interligada mundialmente que possibilita o acesso a informações diversas e a transferência de todo tipo de dados.

² Programa de computador que possibilita, gratuitamente, a comunicação entre usuários da Internet, por meio da voz e do vídeo, de acordo com a sua necessidade e seus interesses.

instituições universitárias de diversos países, empenhadas a ouvir as vozes de formadores de formadores. De acordo com Silva (2007) existem três tipos de Redes:

as Redes temáticas que são organizadas a partir de um tema; as Redes Regionais que aglutinam parceiros de determinado Estado, determinados municípios, bairros ou similares; e as Redes Organizacionais, vinculadas a uma entidade supra-institucional reunindo instituições autônomas filiadas ou a organizações complexas, compostas, por exemplo, de várias unidades autônomas e/ou dispersas territorialmente.

Nesse processo e aprendizado, do trabalho em rede, podemos dizer que alguns dos aspectos que se destacam dificultadores ou não, percebidos neste processo de comunicação e relacionamento à distância, tem sido de caráter técnico, de autogestão, de dinâmica do processo e, também culturais.

Em relação aos aspectos de caráter técnico queremos dizer aqueles que se relacionam com a qualidade do som obtida. Muitas vezes, percebe-se que, quando mais do que 4 pessoas estão conectadas o som tem ruídos ou a fala fica entrecortada, o que dificulta e até desanima o transcorrer da conversa. Há, por vezes, um desgaste emocional no trato com esta situação que, se não for logo vista, pode se reverter num problema. Também se observa que algumas pessoas têm dificuldade com seus equipamentos, menos velozes ou mais antigos, tecnologicamente mais deficitários, em nível de *hardware*³. Às vezes alguns conseguem falar e não conseguem ouvir aos outros ou vice-versa. Para outros, o som é emitido ou ouvido muito baixo. Outros participantes, entretanto, possuem um equipamento tão bom que podem ser ouvidos e podem ouvir os colegas, com bastante clareza e precisão. Outro aspecto, um tanto quanto dificultador, se concentra em saber lidar com o programa de comunicação, no caso o Skype. No início de 2010, nem todos sabiam, nem tinham familiaridade ou mesmo conhecimento da máquina computador. Caso não tenham o hábito da comunicação virtual e por não participarem regularmente das reuniões, esse aspecto fica ainda mais evidente.

No que diz respeito aos aspectos relacionados à autogestão considera-se aqui a questão da administração do tempo pelos participantes. Isto é, ao aceitarem participar do processo, é necessário que se organizem em suas atividades a fim de que naquele dia e horário possam participar das reuniões, que são previamente estabelecidas em calendário. E participar significa poder estar presente, conectado ao ambiente do início ao fim do encontro.

Observa-se que, os que se organizam, não têm problema em participar, na data e horários marcados. Entretanto, alguns que não se organizam para isto, embora desejem bastante participar,

³ O que concerne à parte física do computador ou seja os componentes eletrônicos, as placas, os circuitos; a máquina em si, o seu ferramental.

deixam que outras atividades se interponham, naquele dia ou momento, fazendo com que isto dificulte, por vezes, a sua presença. Por conseguinte, algumas vezes os percebemos fora do contexto, “perdidos” em relação ao que está em discussão. Ainda que, tenhamos o hábito enquanto coordenadores, de enviarmos um resumo dos assuntos discutidos em cada reunião, logo após sua realização, isso não substitui a participação de cada um. A ausência, por muitas vezes, torna o processo mais moroso e menos eficiente, fazendo que, algumas discussões demorem mais tempo do que o que foi planejado ou do que era esperado. Isso é preocupante pois pode desestimular aqueles que são assíduos, que se programaram para estar ali, com o grupo, conforme calendário das agendas.

Os aspectos que se destacam em relação à dinâmica do processo se concentram em não perder de vista, em nenhum momento, novos estímulos para conduzir as reuniões e também, aqueles que tornam possível dinamizar o relacionamento do grupo, no intervalo quinzenal, entre uma reunião e outra, por meio do correio eletrônico. Então, neste sentido, podem dizer que é importante a liderança do processo, responder rapidamente às mensagens enviadas por e-mail, não deixar que o tempo, sem resposta, ultrapasse 48 horas (tempo máximo!); que, durante o período de intervalo, devem ser enviadas duas a três mensagens que mantenham o grupo estimulado, “ligado”, participante dos acontecimentos. Manter o grupo a par do processo desenvolvido é, pois fundamental. Temos observado que enquanto coordenação das reuniões e coordenação da pesquisa, essa atitude quando não acontece dessa maneira, causa o “silêncio virtual”. O silêncio virtual é algo difícil de lidar, uma vez que, torna o “silenciado”, inexistente ao grupo, tendo em vista que a comunicação, neste caso, se dá pela escrita de mensagens por *e-mail*. Entretanto, não se pode perder de vista que, conforme (Orlandi, 1992)

o silêncio está relacionado com a dialógica, com o Outro, com as contradições e com a maneira de significar, o que implica dizer que a política do silêncio esconde sempre outros dizeres, outros sentidos e não a simplificação da ausência.

Outro aspecto observado na dinâmica do processo se refere à dinâmica das estratégias utilizadas para conduzir as discussões. Não basta apenas nos conectarmos e nos ouvirmos uns aos outros. Observa-se que o grupo espera comandos que organizem a sua participação durante a reunião e os estimule ao debate que, nos encontros virtuais é por meio da palavra oral. Assim, se faz necessário um planejamento prévio de como a reunião deverá ser conduzida, ainda que, a conduta possa ser modificada, conforme o desenrolar das discussões ou conforme anseios e ocorrências inesperadas.

Interessante observar o quanto é necessário que o grupo seja estimulado a interagir e tenha estabelecidas algumas regras de participação, tais como: horário de início e término do encontro,

datas pré-agendadas, pautas comunicadas com antecedência, respeito às diferenças culturais. A liderança pode ser considerada, portanto, um fator facilitador do processo, pois asseguram a manutenção do interesse e da motivação do grupo.

No tocante aos aspectos que se destacam e às dificuldades de âmbito cultural percebidas até então, essas estão relacionadas a princípios éticos, políticos e sociais que embasam, podemos dizer, uma nova pedagogia de comunicação e interação que, a sociedade do século XXI, está nos ensinando a descobrir e a viver, nesses tempos de grandes transformações e mudanças. Prevê a vivência da cultura da horizontalidade, da liberdade, da solidariedade, fundamentada em valores e objetivos compartilhados e a partir da circulação de uma informação que transita de forma não linear, entre os vários usuários.

Há muito que aprender e entender. Entretanto, já faz parte importante e marcante do cotidiano da contemporaneidade.

Entendemos por fim que a comunidade e todas as formas de organização coletiva dentro da contemporaneidade precisam criar e assumir constantemente novos parâmetros de diálogo, participação, envolvimento e articulação que tragam mais flexibilidade nas relações sociais para que tenhamos práticas educacionais e sociais mais adequadas aos problemas e necessidades emergentes (Barboza, 2007, p. 8)

Trata-se de um novo olhar para o mundo, um olhar global, que a cada minuto encurta mais as distâncias, entre a humanidade.

Somos cidadãos e consumidores, emissores e receptores de saber e informação, seres ao mesmo tempo autônomos e conectados em redes, que são a nova forma de coletividade. Irresistível! (Preto & Pinto, 2006, p. 29).

A seguir elencamos 7 (sete) princípios que consideramos que permeiam o processo da vivência em redes e, por conseguinte, da experiência virtual que estamos vivenciando com o grupo dos 6 (seis) países que fazem parte da pesquisa, em questão. A compreensão de que estes princípios fundamentam essa comunicação e interação, nesses novos tempos torna possível compreender inclusive o desafio de novas culturas, novas políticas e práticas para as questões sociais e educacionais vigentes. Vejamos a seguir os princípios dos quais falamos.

O 1º princípio, é o da colaboração – nos processos de comunicação e interação em rede, via a participação em ambiente virtual, este é um princípio presente, inerente às relações e imprescindível. Cada vez mais estamos aprendendo a sair do isolamento em que nos encontrávamos e a aprender a trocar ideias, a compartilhar anseios, sucessos, fracassos, inquietações, preocupações, construindo de forma conjunta, projetos, planos, formatando ideias que até então, eram “posse” de alguém ou de uma comunidade, ou de um estado ou de apenas um país. Estamos aprendendo a

negociar, a esperar, a dividir, a receber, a redimensionar contextos, a reavaliar, a não ter vergonha de voltar atrás, refazer e, colaborar, novamente.

O **2º princípio** que mencionaremos aqui é **da flexibilidade**, tendo em vista a diversidade de saberes e de opiniões, assim como às diferenças individuais, as diferenças de visões e, porque não dizer as diferenças locais, culturais. No caso de nossa atividade de pesquisa, as diferenças de cada povo e país participante. São hábitos, celebrações, rituais, momentos diversos. Isso fez, por exemplo, que algumas questões fossem reescritas. Assim a flexibilidade tem em si a questão da imprevisibilidade, com o que não estava planejado ou era esperado que acontecesse e, tem que ser revisto, mudado. Requer saber lidar com o inesperado. Requer um ouvido “ampliado” que não se fecha ao que não concorda ou ao que desconhece. Trabalha com a multiplicidade de contextos e de alternativas. Necessário então que todos os participantes da atividade em rede saibam lidar com essa flexibilidade presente na liberdade de ir e vir, de sentir-se confortável ou não diante do que é conhecido ou não, aceito ou não.

O **3º princípio** que queremos destacar é **o da liquidez**, entendendo-se o termo de acordo com a visão de Bauman (2001, p.7-15), quando se refere à modernidade líquida, com a ideia de liquidez e de fluidez relacionada à época em que vivemos, caracterizada pela inconstância, pela imprevisibilidade.

Em seguida, **o princípio do coletivismo**, **o 4º princípio** aqui mencionado, cujo foco é o sentimento do nós, o espírito de equipe, o trabalho em parcerias, a cumplicidade que aproxima, que une os participantes que fazem parte do grupo, tornando-os responsáveis pelas ações, pelos objetivos e pelas metas que precisam ser atingidos. Nessa atividade de pesquisa, desenvolvida em Rede, esse é um princípio desenvolvido e consolidado dia a dia que, quem não quer aderir, não permanece no grupo. Neste caso, os ganhos, as perdas, os sucessos e insucessos são de todos, são compartilhados. Aqui, a presença de quem participa é notória e evidente, assim como a de quem não participa, também.

O **5º princípio, o da diversidade** traz em si o respeito às diferenças, a compreensão e confirmação de que nada é tão absoluto, de que o mesmo fato pode ser visto, entendido, justificado, interpretado de diversas maneiras. Esse aspecto é muito importante, pois faz com que os membros da equipe exercitem o saber ouvir, a paciência, o diálogo, a aceitação de que podem existir outras “verdades” sobre uma mesma situação. Assim, pensando numa nova pedagogia ditada pelos novos tempos, o princípio da diversidade nos mostra que por meio da aceitação das diferenças, sejam elas individuais, locais ou de qualquer outra natureza poderemos ter ampliada a visão sobre culturas, políticas e práticas que geram resultados coerentes com as necessidades.

Já o contato com o diferente , pedra fundamental da relativização e da flexibilização do raciocínio que leva à minimização dos preconceitos (...) não somente é registrado pelos usuários jovens (...) como considerado um dos grandes pontos de interesse da Rede (Nicolaci-da-Costa, 1998, p. 134).

O **6º princípio é o da atemporalidade**. O conceito de tempo está em redefinição em relação ao que fazemos, a como fazíamos as coisas, a nossos hábitos e a nossos costumes. Quando pensamos na relação entre os participantes de nosso grupo de trabalho na pesquisa em questão, observamos que o tempo de interação é diferente do que seria se acontecesse somente na presencialidade física. Por exemplo, o tempo de enviar ou receber informações se amplia para qualquer dia da semana, para qualquer momento.

O **7º e último princípio** de que trataremos neste documento diz respeito à **desterritorialização** que se refere à ausência de território pré-determinado, a uma mudança na dimensão do que significa espaço como território que precisa existir estruturalmente. Nós, por exemplo, participantes do grupo da pesquisa que estamos realizando, não precisamos de um lugar de encontro que exista fisicamente. Não precisamos nos deslocar de um país ao outro para fazermos uma reunião. Isso tornaria o processo inviável, haja vista que estamos localizados em três continentes e temos reuniões quinzenais, sistemáticas e constantes. A ideia é que estamos todos juntos, interligados, interconectados.

Esses 7 (sete) princípios norteiam toda a experiência em Rede que estamos vivenciando. Aprender a lidar com eles em nossa prática é avançar para a compreensão de uma nova visão de mundo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A experiência em Rede, entre pesquisadores de diversas universidades, para realizar a pesquisa à qual este trabalho se refere, ouvir as vozes de formadores de formadores, tem proporcionado portanto, identificarmos demandas de caráter técnico, de autogestão, de dinâmica do processo e, também culturais que levam a desafios que propõem a necessidade de se formatarem novas culturas, novas políticas e novas práticas que atendam aos perfis pessoais, profissionais, institucionais, da atualidade.

Se considerarmos então e também, a importância de vislumbrarmos e acudirmos o planeta terra enquanto há tempo, entendemos o quanto é necessário sairmos do local para o global, em postura, em ações, em planos. Trata-se de nos incluirmos uns aos outros, independentemente de tempo e lugar, para chegarmos a soluções que possibilitem a melhoria na qualidade de vida que tanto desejamos e necessitamos enquanto cidadãos do mundo.

O relato deste trabalho em Rede procurou deixar claro como estamos em outros tempos e que, por conta disso, o quanto é possível avançarmos nas várias dimensões, sociais, educacionais, se compartilharmos as experiências locais em prol da vida global.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALVES, Maria Dolores Fortes. **De professor a Educador**. Wak Ed, Rio de Janeiro, 2009, 164p
- AQUINO, Julio Groppa. **O estado de sítio da educação nacional**. In: PINHO, Sheila Zambello de (Org). Formação de Educadores. O papel do educador e sua formação. São Paulo: Editora UNESP, 2009.
- ARAULO, Adriana. **Conheça uma trágica doença do trabalho**. 2008. Disponível em: http://www.portaldapsique.com.br/Artigos/Conheca_uma_tragica_doenca_do_trabalho.htm. Acesso em março 2011.
- AVANZINI, G. **A Pedagogia do séc. XX**, 2 Vol., Lisboa: Ed. Moraes.1978
- BOOTH, Tony. & AINSCOW, Mel. **Index Para a Inclusão. Desenvolvendo a aprendizagem e a participação na escola**. Traduzido por: Mônica Pereira dos Santos. Produzido pelo LaPEADE, 2002.
- BARBOZA, Breno Costa. **Vida Coletiva: Reflexões sobre a relação entre comunidade e educação na contemporaneidade**. Salvador, 2007.
- BAUMAN, Zygmunt. **Modernidade Líquida**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.
- DECLARAÇÃO MUNDIAL SOBRE EDUCAÇÃO PARA TODOS: Satisfação das Necessidades Básicas de Aprendizagem**, 1990. Disponível em: http://www.unesco.org.br/publicacoes/copy_of_pdf/decjomtien. Acesso em: novembro de 2009.
- DECLARAÇÃO DE SALAMANCA. Necessidades Educativas Especiais – NEE** In: Conferência Mundial sobre NEE: Acesso em: Qualidade – UNESCO. Salamanca/Espanha: UNESCO 1994.
- GATTI, B. **Formação de professores e carreira: problemas e movimentos de renovação**. São Paulo, Autores Associados, 2000
- LEME, Érika & SANTOS, Mônica Pereira dos. **Inclusão/Exclusão?! O Que Pensam os Licenciandos, em Período de Formação Inicial, das Universidades Públicas do Rio De Janeiro, Cabo Verde, Córdoba e Sevilha? Anais do XV EndiPE – Encontro Nacional de Didática e Prática de Ensino: Convergências e tensões no campo da formação e do trabalho docente: políticas e práticas educacionais**, Belo Horizonte, 2010.
- LOPES, Cristianne. **A Síndrome do Burnout: Profissão Professor em Perigo. VII Seminário Redestrado – Nuevas Regulaciones En América Latina**. Buenos Aires, 3, 4 Y 5 de julio de 2008.
- MARTINS, L. M. **A formação social da personalidade do professor**.Campinas: Autores Associados, 2007.
- MORAN, José Manuel. **A educação atual: entre o direito e o negócio. A educação que desejamos:novos desafios e como chegar lá**. Disponível em: <http://www.eca.usp.br/prof/moran/direito.htm>. Acesso em agosto 2010.
- _____. **Por que as mudanças são tão lentas na educação? S Paulo. 2009. Disponível em: <http://www.eca.usp.br/prof/moran/lentas.htm>. Acesso em janeiro 2011.**
- NÓVOA, A. **Profissão docente**. Lisboa: Porto Editora, 1991.
- NÓVOA, A. **Vidas de professores**. Lisboa, Porto Editora, 1992.
- NÓVOA, A. **Os professores e sua formação**. Lisboa: Publicações DomQuixote/Instituto de Inovação Educacional, 1997.
- PRETTO, Nelson; PINTO, Cláudio da Costa. **Tecnologias e nova educação. Revista Brasileira de Educação**, Rio de Janeiro, v. 11, n. 31, jan./abr. 2006. Disponível em:<http://www.anped.org.br/rbe31/Anped-v11n31.pdf>>. Acesso em: 27 abr. 2007.
- QUADROS, Paulo da Silva. **Os desafios da virtualidade no campo pedagógico. Momento do professor: Revista de educação continuada**, São Paulo, ano 2, n. 4, p. 28-32, 2005.

- SANTOS, Mônica Pereira dos. **Desenvolvendo Políticas e Práticas Inclusivas "Sustentáveis": uma Revisita à Inclusão.** Educação em foco, vol.4, no.2, pp.47-56, set/fev.1999/2000.
- _____. **O papel do Ensino Superior na proposta da uma Educação Inclusiva.** Revista Movimento – Revista da Faculdade de Educação da UFF – no. 7, Maio de 2003 – pp. 78-91.
- _____, et. al. **Ressignificando a formação de professores para uma educação inclusiva.** Relatório de Pesquisa apresentado ao CNPq. Rio de Janeiro: LaPEADE/UFRJ, 2007.
- _____, & PAULINO, Marcos Moreira (orgs). **Inclusão em educação: Culturas, Políticas e Práticas.** 2.ed.São Paulo: Cortez, 2008.
- SILVA, Carlos Antonio. **O que são redes? Rits,** dez. [2007]. Disponível em: http://www.rits.org.br/redes_teste/rd_oqredes.cfm. Acesso em: 18 ago. 2007
- SAWAIA, Bader. **As Artimanhas da Exclusão: Análise Psicossocial e Ética da Desigualdade Social.** Vozes, Petrópolis, 1999.
- _____. **Psicologia e desigualdade social: uma reflexão sobre liberdade e transformação social . Psicol. Soc. vol.21 no.3 Florianópolis Sept./Dec. 2009** Disponível em:http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0102-71822009000300010&script=sci_arttext.
- SCHNEIDER, Sergio; SCHIMITT, Cláudia Job. O uso do método comparativo nas Ciências Sociais. **Cadernos de Sociologia.** Porto Alegre, v. 9, p. 49-87, 1998.
- SILVA, Joilson Pereira da, et al. Estresse e Burnout em Professores. **Revista Fórum Identidades,** Ano 2, Volume 3 – p. 75-83 – jan-jun de 2008.
- TRIGO, Telma Ramos; TENG, Chei Tung; HALLAK, Jaime Eduardo Cecílio. Síndrome de *Burnout* ou Estafa Profissional e os Transtornos Psiquiátricos. **Rev. Psiq. Clín** 34 (5); 223-233, 2007.